

Paris faz festa dos direitos humanos

China foi contra participação do Dalai Lama nas celebrações e chegou a pedir que Chirac não o convidasse para almoço

O Dalai Lama, líder espiritual dos tibetanos e Prêmio Nobel da Paz de 1989, disse ontem em Paris que os direitos humanos só são aplicados nos países do Ocidente. "Eles não valem para as nações da Ásia e do Terceiro Mundo", criticou. Sem citar nomes, lembrou que os governos asiáticos estão mais preocupados em promover o desenvolvimento econômico que em aplicar a Declaração Universal dos Direitos Humanos em benefício de seus cidadãos.

As declarações do Dalai Lama, que coordena a resistência de seu povo contra os invasores chineses, foram divulgadas no auditório da Sede da Unesco, no início da noite de ontem. Como o seu discurso teve de ser reduzido em função dos inúmeros atrasos da cerimônia, que comemora o Cinquentenário da Declaração dos Direitos do Homem, o líder espiritual mandou assessores distribuírem cópias de seu pronunciamento, um recado duro contra os Tigres Asiáticos e a China.

"Alguns governos garantem que os princípios dos direitos do homem que figuram na Declaração Universal são convenientes para o Ocidente, mas não se aplicam à Ásia e a outros países do Terceiro Mundo", afirma o discurso, "pelas diferenças culturais e de desenvolvimento econômico-social. Não concordo e a maioria das pessoas pensa como eu", declarou o Dalai Lama.

Até aquele momento, sua visita a Paris, como parte das comemorações do Cinquentenário da Declaração dos Direitos Humanos, corria na mais absoluta discrição, como recomendam as normas diplomáticas. Ao chegar a um banquete em sua homenagem no Palácio Presidencial dos Campos Elíseos, mandou uma mensagem positiva ao governo da China.

"Acredito numa evolução para as relações entre a China e o Tibete, porque as coisas mudam e a China está em processo de transformação", disse o líder espiritual no almoço oferecido pelo presidente francês Jacques Chirac. O Prêmio Nobel da Paz 1989 participa das cerimônias de aniversário da Declaração junto a outros premiados como a guatemalteca Rigoberta Menchu, de origem maia, com quem Chirac manteve uma entrevista.

A China reagiu negativamente à participação do Dalai Lama nas celebrações e chegou a pedir que Chirac não o convidasse para o almoço. Foi a primeira recepção oficial ao

Dalai Lama no palácio presidencial francês. Isso não comoveu o exilado Wei Jingsheng, um dos líderes da oposição ao regime comunista, condenado a 17 anos de prisão por ter participado do movimento da Praça da Paz Celestial. "Estou chocado", declarou para a rádio France-Info, "apenas dois representantes chineses foram convidados". Ele atribuiu a decisão francesa "ao intercâmbio comercial com as autoridades de Pequim". Wei está exilado nos Estados Unidos.

CONSCIÊNCIA

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, defendeu ontem na Assembleia Nacional francesa uma futura ordem internacional, garantida pelas Nações Unidas. "A ONU pode se esforçar para ser uma espécie de consciência do mundo e contribuir para a instalação de um novo sistema de normas, em

função das quais a ação dos Estados e seus dirigentes poderão ser julgados objetivamente", acrescentou.

Apesar de ser uma visita histórica — pela primeira vez um secretário-geral das Nações Unidas falou em plenário —, o discurso de Annan perdeu um pouco de im-

pacto pela presença do Dalai Lama, que o ouvia na tribuna e atraiu a atenção dos fotógrafos, tumultuando a sessão.

Os deputados franceses aplaudiram em especial duas passagens do discurso de Annan. Uma relativa "a uma francofonia ampliada para evitar o surgimento de um mundo tristemente homogêneo", e a que trata do equilíbrio mantido pela ONU durante a crise iraquiana, "enquanto espera um sistema de segurança verdadeiramente coletivo".

"Quando as operações para manter a paz se tornam necessárias e, apesar de as organizações regionais terem um papel importante a desempenhar, qualquer intervenção militar da comunidade internacional deve continuar subordinada ao aval do Conselho de Segurança", frisou Annan.

ÉTICA

Lembrando o aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ressaltou que seus princípios constitucionais formam agora um código ético de referência para a comunidade internacional. "A segurança coletiva é indissociável da segurança individual e depende muito do respeito aos direitos humanos, insistiu o secretário-geral das Nações Unidas.

Francois Mori / Associated Press



Dalai Lama, recebido pelo presidente Chirac em Paris, diz acreditar numa evolução das relações entre China e Tibete

"É evidente que a pobreza e as violações repetidas aos direitos fundamentais alimentam o fanatismo, o nacionalismo e o terrorismo, que são em geral o fermento dos conflitos. Nesse novo contexto internacional, também marcado pela globalização, a ONU poderia ajudar a criar um clima propício ao encontro de soluções para definir a futura ordem internacional", concluiu Annan.

Para marcar o Cinquentenário da

Declaração Internacional dos Direitos Humanos, uma ampla programação cultural ocorrerá na capital francesa nos próximos dias. Ontem foi o dia de um superconcerto convocado pela Anistia Internacional. Foi um time de primeira linha: Peter Gabriel, Radiohead, Kassav, Youssou N'Dour, Tracy Chapman, Alanis Morissette, Asian Dub Foundation, Orlando Poleo, Shania Twain, Axelle Red, Jimmy Page e

Robert Plant (ex-Led Zeppelin).

Na última hora, chegou um reforço de peso, o roqueiro americano Bruce Springsteen. Ele participou, há dez anos, de uma turnê em favor das entidades de direitos humanos, batizada de *Human Rights Now*, ao lado de Tracy Chapman, Peter Gabriel e Youssou N'Dour, que reencontrou na noite de ontem. A festa começou às 17h de Paris (14h de Brasília) e durou mais de sete horas.